

Greve? "Os pais que aproveitem para deixar as crianças brincar"

Carlos Neto Pedagogo e investigador na área da motricidade humana defende que actual instabilidade entre docentes é oportunidade para reinventar a escola

Entrevista

Natália Faria

Os professores não podem continuar "a ser tratados como saltimbancos", diz Carlos Neto, professor catedrático da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa, para quem a actual instabilidade nas escolas devia pôr pais, sindicatos e ministério a pensar na reforma de um sistema educativo que mantém as crianças reféns do "objectivo patológico dos resultados escolares".

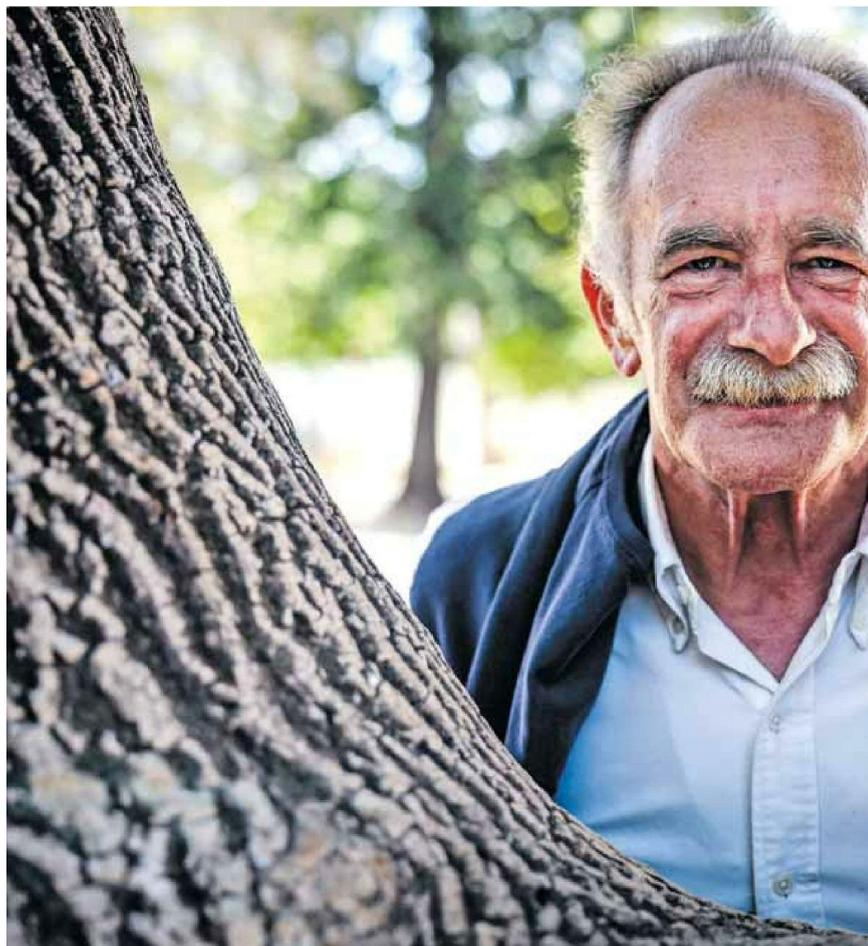
Os pais devem preocupar-se com o impacto da instabilidade das escolas nas crianças?

Os professores têm toda a legitimidade para a indignação que estamos a ver e todo o direito de mostrar ao país que merecem mais respeito e estabilidade profissional. Mas também é verdade que não podemos fazer uma avaliação do sistema educativo sem pensar em todos os seus intervenientes, desde a família à comunidade – não só educativa, mas também a comunidade local. Acho que este é um momento oportuno para criar um compromisso entre sindicatos e Ministério da Educação para a remodelação do sistema educativo. Repare: há crianças a passar 50 horas por semana na escola, temos uma espécie de hiperescolarização. E a escola a tempo inteiro é resultado de os pais terem de trabalhar. As crianças são vítimas do trabalho dos pais, que não têm tempo para estar com os filhos também porque vivem numa realidade de salários baixos, precariedade,

inflação, crise energética, digital e também ambiental. Portanto, temos de olhar para isto de uma forma integrada e trabalhar de forma sistémica para resolver os problemas que estão a acontecer no contexto escolar. Os protestos dos professores têm de ser vistos de forma integrada, não só atendendo aos aspectos do mundo do trabalho, da lei laboral, como ao tempo disponível para os pais estarem em família e no trabalho, e colocando como referência o conceito de qualidade de vida.

A reforma do sistema educativo que defende implica o quê?

Numa grande parte dos países da União Europeia, principalmente no Norte da Europa, todas as crianças saem às quatro e meia da tarde e têm tempo livre para estar com os pais. Aqui, os pais trabalham de sol a sol, o que leva a que haja crianças a entrar na escola às sete da manhã e a sair às sete da tarde. Portanto, há aqui um problema que se vai complicar se as greves continuarem e acho que era de bom senso que o ministério, sindicatos e as associações de pais se pudessem sentar à mesa e criar uma agenda de trabalho. Não só atendendo às reivindicações que os professores estão a fazer e bem do ponto de vista das colocações, da evolução salarial, das carreiras, mas pensando na qualidade do ensino e de vida de professores, crianças e pais. Nós até já temos dois mecanismos legais – a jornada contínua e a flexibilidade das horas de trabalho –, mas o problema é que isso não é respeitado, nem no sector público nem no privado. Vive-se na sociedade portuguesa uma espécie de cultura do medo, em



A escola não pode ser um repositório onde põem as crianças para os pais poderem trabalhar

Vive-se uma espécie de cultura do medo, em que as pessoas não reivindicam os seus direitos

que as pessoas não reivindicam os seus direitos. As crianças estão a ter problemas porque estas greves implicam que os pais tenham de ficar com elas e é difícil de conciliar com o trabalho, mas os professores também têm razão. Gostava que todos os implicados se sentassem à mesa e reimaginassem uma nova forma de funcionamento da escola, não só do ponto de vista da sobrevivência dos professores, que são um pilar fundamental para a sociedade, mas também da qualidade do ensino e da aprendizagem. O estado em que estão os espaços exteriores das escolas é uma vergonha nacional. **Que outras reformas se impõem nas escolas?** Temos de ter um ensino mais democrático, mais participativo, mais centrado em pessoas do que em alunos. E devíamos aproveitar também para reflectir sobre as políticas de acesso ao ensino superior, porque a escola não pode estar hiperescolarizada nem

limitada a preparar alunos para testes. Acho que devíamos libertar o ensino básico e secundário para que os professores possam ter tempo para estar com os alunos, ter entusiasmo, capacidade de empreendimento colectivo; de começar a discutir outras questões fundamentais para o futuro que é incerto, imprevisível e inesperado. E o que eu espero da escola é que prepare as crianças para serem activas, empreendedoras, com sentido crítico, que lhes dê instrumentos que lhes permitam sobreviver, adaptar-se, serem criativas, terem iniciativa. Uma escola que prepare as crianças para uma cultura mais ecológica, mais naturalista e mais digitalizada – não precisamos de digitalizar a escola, o professor e as relações humanas são insubstituíveis. E devíamos discutir o sedentarismo. Nós somos campeões europeus do sedentarismo. Um relatório recente mostra que 73% dos portugueses não fazem uma



MURILLO FERREIRA SANTOS

municipais. E, além de termos de resolver as questões laborais dos professores, que são básicas e fundamentais, porque não podemos continuar a ter os professores transformados numa espécie de saltimbancos, de mochila às costas e com salários que não lhes chegam sequer para pagar a renda, este é o momento para fazer essa reflexão.

Que conselhos deixa para ajudar os pais a lidar com a incerteza actual?

Isto não passa de um momento de transição. Espero que esta semana fique pelo menos definida uma agenda de trabalhos para resolver estas questões, porque as coisas como estão não podem continuar. Os professores chegaram ao limite. Estão cansados, exaustos, sem segurança financeira. É preciso ter em conta que docentes que sofrem, cansados, agitados, não podem ter alunos felizes, e que há graves problemas de saúde mental entre os professores que aconteceram ao longo dos anos e que foram agravados com a pandemia (ainda há pandemia depois da pandemia).

E quanto aos pais?

Não terem onde deixar os filhos é um problema, mas não é preciso dramatizar. Aproveitem para deixar as crianças brincar e ter tempo livre, para interagir com os amigos sem aquela visão opressiva de ter de estar sempre a procurar resultados escolares e notas e médias e testes. Lembremo-nos de que as crianças trabalham ainda mais do que os pais. Aliás, devo dizer que o direito das crianças e jovens a terem tempo livre não está a ser respeitado em Portugal, há aqui uma negligência, porque está tudo subjugado ao objectivo patológico dos resultados. Os pais neste momento de transição têm de ser solidários com os professores, de trabalhar com eles. Portanto, aproveitemos este momento para nos lembrarmos que as aulas não podem ser só quatro paredes e uma prisão. Temos de desocupar as crianças da sala de aula e levá-las à procura do conhecimento que está nos espaços exteriores, comunitários. Eu propunha que se pensasse num *Simplex* para a educação, para que os professores deixem de estar atafalhados com tarefas burocráticas e passem a ter mais tempo para os alunos e para o que é básico e fundamental. Claro que as novas políticas para a educação estão dependentes de decisões de natureza financeira, que implicam o Ministério das Finanças, e de natureza laboral, mas este Governo de maioria absoluta oferece estabilidade suficiente para se fazer uma reflexão séria e profunda sobre o diálogo que tem de haver entre todos os sistemas.

actividade física regular, sistemática, intencional. As crianças são esponjas. E passam o dia sentadas, quietas e caladas, na escola. Isto tem de ser mudado.

Estamos a falar de aumentar o tempo de recreio ou de um reforço da educação física?

O problema é que hoje as crianças já não brincam, já não são activas. O SNS devia estar mais preocupado com o sedentarismo infantil e a escola devia dar mais importância à actividade física, à brincadeira, ao jogo, ao desporto, às artes. E o novo modelo tem de ser democratizado e participado pelas crianças, porque o sistema actual é completamente reprodutivo ainda.

Mais do que com o impacto das greves nos filhos, os pais deviam preocupar-se com a sua falta de tempo para eles e com a falta de autonomia dos miúdos?

Completamente. Há hoje uma grande falta de contacto com o risco, que é essencial na vida de

uma criança, que tem de se confrontar com os limites. Hoje, há escolas em que já é proibido subir às árvores, fazer o pino contra as paredes ou jogar às escondidas! O medo prevalece em relação a tudo. O corpo não se pode mexer, está isolado, aprisionado, em lugar incerto e, com a pandemia, ainda ficou pior. Isto, conjugado com a omnipresença dos ecrãs lúdicos que capturaram a mente das crianças, que passam horas nisso porque os pais não têm tempo e a vida em casa passou a ser um inferno, está a criar problemas enormes no quotidiano das crianças, dos pais e também dos professores, porque a escola não pode ser um repositório onde se põem as crianças de manhã à noite para que os pais possam trabalhar. Este é o momento certo para percebermos que a escola não é uma ilha, que está ligada a outros sistemas que têm de ser analisados em rede, do trabalho à saúde, passando pelas políticas